

**Título: ARQUIVO FAMILIAR DA CASA DO AGRÊLO (MARCO DE CANAVESES):
ESPÓLIO DOCUMENTAL DAS FAMÍLIAS MENDES DE VASCONCELOS
E MAGALHÃES FERREIRA, QUE REMONTA AO SÉCULO XVI**

Autor: Joaquim Antero Magalhães Ferreira

Instituição: Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto; ID+/NIT

Grupo de trabalho: 2 — Papel para usos especiais: artístico, fotografia, etc.

Palavras-chave: Papéis; Marcas de Água; Bilhetes-postais; Fotografia; Arquivos Familiares

RESUMO

O lugar do Agrêlo pertence à atual freguesia de Penha Longa, em Marco de Canaveses (Norte de Portugal), um município de origens remotas que se estendem ao período neolítico.

O conjunto patrimonial "Casa do Agrêlo" era constituído por imensas propriedades, distribuídas por diversos herdeiros e proprietários. A sua origem remonta ao primeiro quartel do século XVI: teve início com os Nunes de Andrade, seguindo-se os Mendes de Vasconcelos e os Magalhães Ferreira.

Atualmente, uma das casas mais antigas deste conjunto está em processo de recuperação e restauro, de modo a receber um importante espólio documental familiar, que foi preservado por gerações ao longo de seis séculos. Dos herdeiros mais recentes destacam-se Josefina de Sousa Brandão (1881-1972) e a sua única filha, Maria Isabel Mendes Brandão de Magalhães (1911-2006), proprietárias que souberam preservar e ampliar um enorme arquivo documental, composto por centenas de documentos, entre os quais, manuscritos, contratos particulares e notariais, cartas particulares, diários, bilhetes-postais e fotografias.

Assim, com este estudo pretendemos não só mapear a evolução desta Casa, em fase de reconstrução desde 2023, como investigar e divulgar a riqueza visual e gráfica deste espólio, e deste modo projetar um novo olhar quer sobre a história marcuense, quer sobre a memória sociocultural duriense.

Nesta primeira fase iremos mostrar a potencialidade deste arquivo através de espécimes relevantes, dos quais se destacam: privilégio papal manuscrito (1588), livreto de transladação dos ossos do Frei João da Póvoa (1643), livro-inventário do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos (1826), papéis selados nacionais vs. caligrafias notáveis e "cartes de visite" de pioneiros fotógrafos portuenses (desde 1893). O levantamento inicial destes documentos (cerca de meio milhar) resultou na identificação, entre outros dados, de 14 fabricantes papeleiros, 56 marcas de água latinas e 52 fotógrafos lusófonos.

Keywords: Papers; Watermarks; Postcards; Photography; Family Archives

ABSTRACT

The place of Agrêlo belongs to the current parish of Penha Longa, in Marco de Canaveses (Northern Portugal), a municipality with ancient origins dating back to the Neolithic period.

The Casa do Agrêlo was a vast estate composed of numerous properties, passed down through multiple heirs and owners. Its origins date back to the early 16th century, beginning with the Nunes de Andrade family, followed by the Mendes de Vasconcelos and Magalhães Ferreira lineages. Today, one of the estate's oldest houses is undergoing restoration to house an important family archive, carefully preserved over six centuries.

Among the most recent heirs, two figures stand out: Josefina de Sousa Brandão (1881–1972) and her only daughter, Maria Isabel Mendes Brandão de Magalhães (1911–2006). Both played a crucial role in safeguarding and expanding a vast documentary collection comprising hundreds of manuscripts, private and notarial contracts, personal letters, diaries, postcards, and photographs.

This study aims not only to trace the evolution of Casa do Agrêlo, currently under reconstruction since 2023, but also to explore and disseminate the visual and graphic richness of its archive. In doing so, we seek to offer a fresh perspective on both the history of Marco de Canaveses and the sociocultural memory of the Douro region.

In this first phase, we will highlight key documents from the archive, including a papal privilege manuscript (1588), a booklet documenting the transporte of Friar João da Póvoa's remains (1643), an inventory book of the Convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos (1826), national stamped papers, notable handwritten records, and "cartes de visite" from pioneering Porto photographers (since 1893). A preliminary survey of these materials (about half a thousand) has already led to the identification of 14 paper manufacturers, 56 Latin watermarks, and 52 Portuguese-speaking photographers, underscoring the archive's remarkable historical and documentary value.

REGIÃO E CONCELHO

O povoamento do território a que corresponde o atual município de Marco de Canaveses remonta a épocas bastante remotas, tendo sido encontrados importantes vestígios do período neolítico, nomeadamente, alguns monumentos funerários. Já durante o império romano existiu – na atual freguesia do Marco (mais particularmente, na freguesia do Freixo, antes da reorganização administrativa de 2013) – uma importante cidade, Tongóbriga (cujas ruínas formam a atual Área Arqueológica do Freixo). Tongóbriga, que terá tido o seu apogeu no século I e início do século II a.C., era ponto de confluência de várias vias de comunicação, tal como a estrada romana que ligava Braga a Mérida.

O concelho de Marco de Canaveses foi criado em 1852 por decreto de D. Maria II, e em 1993 elevado a cidade. 'Canaveses' é o plural de canavê, designação para campo de cânhamo, outrora abundante nesta região, nomeadamente nas encostas do rio Tâmega. Pertencente ao distrito do Porto e inscrito na sub-região do Tâmega e Sousa, na região do Douro, faz parte da Região de Turismo da Serra do Marão. É atravessado pelos rios Tâmega e Douro e pela linha de caminho de ferro do Douro.

Atualmente, o concelho é composto por 16 freguesias, reunindo cerca de 50 mil habitantes (INE, 2023).

O natural ou habitante de Marco de Canaveses denomina-se marcuense, marquense ou canavê.

A agricultura encontra-se fortemente enraizada, produzindo-se nos seus solos férteis hortaliças, frutas, castanhas, milho, azeite e vinho; e o artesanato é variado, compreendendo a produção de mantas de

farrapos, cobertores de lã, cestos de verga, chapéus de palha, a tecelagem da estopa e linho, o trabalho do cobre, a cantaria e a tanoaria. Na economia do concelho assumem particular evidência as indústrias têxtil e extrativa. O turismo, associado à prática de desportos ligados aos rios Douro e Tâmega e ao termalismo, nas Caldas de Canaveses, apresenta-se como uma atividade económica com potencialidades.

A FÁBRICA DE PAPEL

Em 26 de junho de 1923 é fundada a única indústria papelreira da região, a Fábrica de Papel do Marco de Canaveses, no lugar do Cristelo da freguesia de Fornos, junto ao rio de Galinhas. Entre os doze investidores-fundadores encontravam-se dois Vasconcelos, António Barbedo Vasconcelos e Caetano Mesquita Pereira do Lago e Vasconcelos, sendo que este último teve o seu nome atribuído a uma rua da freguesia do Marco (Edital n.º 11/2015, Município do Marco de Canaveses) (Cordeiro, 2017).

A 28 de maio de 1958, persistentes conflitos e disputas de uso e direitos sobre águas ditam a falência da Fábrica de Papel de Marco de Canaveses Ld.^a, à época com unidade fabril no Marco de Canaveses e escritório em Lisboa. No ano seguinte passa a pertencer à Companhia de Papel de Marco de Canaveses SARL, com sede em Lisboa. Em 2007, infelizmente, dá-se o desaparecimento definitivo desta unidade industrial que chegou a ser a maior empresa papelreira do Norte de Portugal (Cordeiro, 2017).

Até à data não conseguimos identificar qualquer amostra do papel produzido, mas sabemos, por documentação existente, que produzia papel de 1.^a e 2.^a qualidade, tipo mercearia, papel de escrita, cartão, envelopes, sacos, e um papel de embrulho que, segundo testemunho local, se destacava por uma impressão cromática com motivos natalícios.

A LOCALIDADE "AGRÊLO"

O topónimo Agrêlo tem origem latina (*agrellum*) significando 'pequeno campo ou pequeno agro'.

Os termos 'agra', 'agrícola' vêm dessa palavra. A beleza da paisagem rural, a fertilidade dos campos e a abundância de água possivelmente influenciaram a apropriação deste vocábulo.

Segundo Luiz Bernardo Carneiro Pinto (n. 1935), descendente e investigador genealógico da família, a Casa do Agrêlo é anterior a 1600. Situada na freguesia de Penha Longa (recentemente agregada à freguesia de Paços de Gaiolo), concelho do Marco de Canaveses, ex-concelho de Bem Viver (distrito do Porto), esta casa remonta aos finais do século XVI, tendo sido primeira vida no prazo do Agrêlo, Pêro Anes do Cabo, casado com D. Briolanja Gonçalves (Pinto, 2006).

Desde meados do século XVI até ao século XVIII, foi pertença dos Nunes de Andrade, ligando-se por sucessivos casamentos aos Pereiras de Amorim, Mendes de Vasconcellos, Sousas Carneiros e, mais recentemente, Magalhães Ferreira, até aos atuais herdeiros e proprietários locais, com casas contíguas na rua de Vilas (Agrêlo), Joaquim Antero Magalhães Ferreira (designer, professor e autor deste estudo, nascido no Porto em 1963 e com infância vivida na Casa de Valdonêdo) e João Emanuel Carneiro de Vasconcelos Cordeiro dos Santos (advogado, nascido em 1957).

A casa aqui descrita, que fazia parte desta quinta e extensa propriedade do Agrêlo, herdada em 2017 pela minha mãe, Maria Isabel Mendes de Magalhães Marques Ferreira (1938-2024), casada com Manuel Eginio Marques Ferreira (n. 1936), foi a casa onde viveram os meus bisavós maternos, Antero Mendes de Vasconcelos (1881-1918, administrador autárquico e reconhecido professor local) (Figuras 1 e 2) e Josefina de Sousa Brandão (1881-1972). Aqui nasceram a minha avó, filha única, Maria Isabel Mendes Brandão de Almeida Magalhães (em 1911) e a minha mãe (em 1938), que em 1944 se mudaram para a senhorial Casa do Valdonêdo, na mesma freguesia de Penha Longa.

Pelo que já conseguimos apurar, ao longo de 150 anos de existência, a casa do Agrêlo foi sendo ampliada em diferentes décadas, a saber: I) casa térrea, granítica, anterior a 1900 (arquitetura popular), com loja, lagar, corte, espigueiro, eira e muro em pedra irregular, a montante da rua de Vilas e virada a poente; II) casa principal, também descrita como 'casa grande', reconstruída entre 1913 e 1918, de dois pisos (planta em forma de L, arquitetura popular/vernacular), com varanda envidraçada, duas escadas transversais de pedra, grande chaminé, pequeno rossio e jardim, e distintos assentamentos de blocos de pedra de granito regulares; III) atual e última casa (ampliação da casa principal, na ala norte), de dois pisos, com uma terceira escada transversal em pedra, construída nas décadas de 1950-60, talvez em 1965, durante a reforma geral da casa, ocupando o sítio onde estava montado um aviário; IV) projeto em curso de reconstrução da casa, desde 2023, com conclusão prevista até meados de 2027.

De um extenso espólio fotográfico, duas raras fotografias (Figuras 3 e 4), entre outras, revelam-nos esta casa do Agrêlo em 1929, ajudando-nos a identificar o período descrito no anterior ponto II).

A genealogia das últimas sete gerações de proprietários e moradores (a negrito) da Casa do Agrêlo resume-se na seguinte listagem:

	<u>1.ª geração</u>
1798	José Mendes de Vasconcelos (n. 1763) Luiza Maria Nunes de Andrade
	<u>2.ª geração</u>
1836	Joaquim António Mendes de Vasconcelos (1808–1864?) Margarida Emília de Sousa Carneiro (1809–1884) Tiveram sete filhos: <u>Joaquim Mendes de Vasconcelos</u> ; José Mendes de Vasconcelos; António Mendes de Vasconcelos; Margarida Júlia de Sousa; Joaquina Emília de Sousa; Carolina Augusta de Jesus; Augusta Emília de Sousa.
	<u>3.ª geração</u>
1872	Joaquim Mendes de Vasconcelos (1836–1912) Rosa Clara da Conceição (n. 1836) Tiveram nove filhos: Maria Augusta Mendes de Vasconcelos; José Mendes de Vasconcelos; Lucrecia Mendes de Vasconcelos; Verginia Mendes de Vasconcelos; Manuel Mendes de Vasconcelos; Olivia Mendes de Vasconcelos; Virginia Mendes de Vasconcelos; <u>Antero Mendes de Vasconcelos</u> ; Francisca Mendes de Vasconcelos.
	<u>4.ª geração</u>
1909	Antero Mendes de Vasconcelos (1881–1918) Josefina de Sousa Brandão (1881–1972) Tiveram uma filha: <u>Maria Isabel Mendes Brandão</u>
	<u>5.ª geração</u>
1931	Maria Isabel Mendes Brandão de Magalhães (1911–2006) Amaro de Almeida Magalhães (1895-1966) Tiveram três filhos: Amaro Mendes de Magalhães; <u>Maria Isabel Mendes de Magalhães</u> ; Célia Maria Mendes de Magalhães.
	<u>6.ª geração</u>
2017	Maria Isabel Mendes de Magalhães Marques Ferreira (1938–2024) Manuel Eginio Marques Ferreira (n. 1936)

Tiveram três filhos: Amaro Manuel Magalhães Ferreira; Joaquim Antero Magalhães Ferreira;
Helena Isabel Magalhães Ferreira.

7.ª geração

2024.05.31

Joaquim Antero Magalhães Ferreira (n. 1963)

Maria José Morgado Fontes (n. 1966)

Teve uma filha: Rita Alves Ferreira (n. 1998; mãe: Maria Joana Galhano Alves, n. 1966)

O ARQUIVO FAMILIAR A SALVO

O arquivo da Casa do Agrêlo, preservado ao longo de mais de três séculos, seria transferido para a Casa do Valdonêdo em 1944. Esta bela casa senhorial, anterior a 1855 (ano em que o meu avô a adquiriu a familiares que viviam no Rio de Janeiro), teve obras de ampliação terminadas em 1914, sendo alugada até ao ano da mudança do Agrêlo (em 1944). Infelizmente, foi vendida em 2023, saindo definitivamente da posse da família.

Na década anterior à venda (desde 2013), nas inúmeras visitas à Casa do Valdonêdo — numa fase de desmantelamento dos bens interiores (mobiliário, loiças, etc.) pela iminência de alienação deste património — confrontei-me com um imenso espólio documental, depositado no escritório dos meus avós (Figura 5). Assim, em meados de 2023, o meu pensamento foi único e imediato: salvaguardar o legado documental da perda total e definitiva, recolhendo a documentação que me pareceu mais importante. (Figuras 6 a 10)

A DIMENSÃO DO ARQUIVO

Até à data ainda não foi possível quantificar a documentação salvaguardada. A prioridade (desde 2023) foi destacar apenas os documentos relativos à Casa do Agrêlo (cerca de 150 documentos) de modo a construir a sua cronologia histórica, um importante elemento de apoio ao projeto de reconstrução em curso. Simultaneamente, retiraram-se outros documentos de interesse tendo em conta o tema e a data. De todo o modo, podemos descrever resumidamente a tipologia de documentação do arquivo: efémeras com anotações (Figura 11), apontamentos manuscritos, testemunhos orais transcritos (processos judiciais), cartas, contratos particulares e notariais (Figuras 12 e 13), recibos, diários e blocos de notas (Figuras 14 e 15), postais, bilhetes-postais, orçamentos, fotografias em papel, negativos de fotografia, passaportes, bilhetes de identidade, cartões de visita, cartões de fotografia, pagelas religiosas, folhetos, cadernetas prediais antigas, assim como objetos pessoais (canetas, óculos, etc.).

Devemos enaltecer o mérito destes antepassados que souberam preservar, acondicionar e organizar a documentação deste arquivo. É notável como, após mais de quatro séculos, toda a documentação chegou às nossas mãos num estado de conservação muito satisfatório, sendo que alguns documentos se encontram num estado excelente, sem qualquer sinal de deterioração.

Outro facto com que nos deparámos, e que facilitou este estudo, foi a maioria dos documentos terem registos autográficos de indicação de local e data (na maioria dos casos reconhecemos as caligrafias e as anotações de Josefina Sousa Brandão e Maria Isabel Brandão de Magalhães (Figura 16), e do fiel e dedicado procurador de ambas, Manuel José Gomes de Madureira).

METODOLOGIA

Tratando-se de uma investigação particular, com recursos limitados, optou-se pela seguinte metodologia, com as seguintes cinco etapas: 1) organizar e acondicionar a documentação do arquivo num local seguro; 2) iniciar um processo de restauro profissional dos documentos mais degradados e importantes (nesta fase, já formam restaurados quatro documentos pela conservadora Ana Freitas da Oficina de Conservação e Restauro de Documentos Gráficos da Universidade do Porto) (Figuras 17 e 18); 3) destacar a documentação relacionada com a Casa do Agrêlo (a reconstrução em curso da casa irá permitir receber o depósito do arquivo); 4) lançar toda a informação numa cronologia histórico-familiar não só sobre o Agrêlo mas também sobre antepassados, outras propriedades, factos históricos de relevo local, extensivo ao Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo), país no qual os antepassados da família emigraram e se estabeleceram (já totaliza 20 páginas com mais de 17 mil palavras, em corpo oito); 5) partilhar a informação com a comunidade, local e científica, e divulgar o arquivo e estudo em curso. Neste momento, decorrido pouco mais de um ano, já foi realizado um breve seminário de apresentação do arquivo na unidade curricular "Cultura Visual" da Licenciatura em Design de Comunicação da FBAUP, em outubro de 2024).

PRIVILÉGIO PAPAL (1588)

Privilégio do Papa Sisto V, Felice Peretti (1521-1590), para ser rezado no Convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos. O texto inicia-se assim (tradução livre do latim): "Uma concessão, para que os frades e monjas da ordem menor, em respeito à mais completa virgem Maria, possam recitar o mesmo ofício durante todo o oitavo". Livreto in-quarto (215 x 150 mm) de 4 folhas em papel avergado, possível marca de água francesa (Gascogne?) com mão enluvada, dedos juntos e polegar afastado sob estrela de cinco pontas (55 x 20 mm centrada entre pontusais). Texto manuscrito a tinta sépia castanha, com três anotações marginais e assinatura de posse (Amaro Magalhães, meu avô materno). (Figura 19)

LIVRETO DE TRANSLADAÇÃO DE OSSOS (1643)

Pequeno livreto da memória da trasladação dos ossos do Fr. João da Póvoa (1438-1506) para o Convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos, também designado de Leça da Palmeira (pertencia à Ordem dos Frades Menores de S. Francisco, OFM). Fr. João da Póvoa, austero e rigoroso frade franciscano, confessor e testamenteiro de D. João II, foi "a mais importante figura franciscana do movimento em Portugal até começos do século XVI" (Teixeira, 2005).

Assinam o documento, como testemunhas, diversos frades agostinianos recoletos, entre os quais: António das Chagas, Pedro das Chagas e Pantaleão dos Anjos, Silvestre Machado, Francisco Gonçalves Nogueira, Lourenço Jesus, Francisco de Bragança, Brás da Ressurreição e Belchior do Rosário. Pequeno livreto (215 x 150 mm) de 6 folhas em papel avergado (duas qualidades diferentes, tendo um deles pontusais duplos), possível marca de água italiana (Génova?) com três circunferências tangentes sob cruz alta, tendo na primeira a letra 'P' e na última o monograma 'BR'. Texto manuscrito a tinta sépia castanha, conservando colado um selo de chapa (oval pontiaguda vertical). (Figura 20)

INVENTÁRIO CONVENTUAL (1826)

Inventário do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos, com registos do convento entre os anos de 1826 e 1831 * (apenas nos primeiros 27 fólhos) e assinado pelo Frei Clemente de Anunciação de Maria, Religioso Morador do convento. Livro com 244 fólhos em papel avergoado, encadernação francesa da época com papel pintado nas pastas, do qual foram arrancados 21 fólhos e com o fólho 130 repetido. Na posse da família, pelo menos, desde 1858, tendo sido usado (entre 1858 e 1947) os excedentes fólhos em branco para anotações diversas de gestão diária, tais como: vendas, compras, pagamentos, rol de águas, receitas caseiras, declarações, árvore de geração familiar e, até, notas sobre as Invasões Francesas. (* estes anos cruzam o período da extinção das ordens religiosas em Portugal: 1828-1834). (Figura 21)

MARCAS DE ÁGUA

Da documentação já analisada do arquivo familiar (desde finais de 2023) foi possível identificar cerca de catorze fabricantes de papéis, oriundos de Portugal, Brasil, França, Itália e Inglaterra, correspondendo a um período documental superior a quatrocentos anos, entre 1588 e 1995. Os fabricantes identificados foram (ordem alfabética): Abelheira/Tojal/Fapajal (1755, Loures), Alenquer (1790, Alenquer), Andrade/Foz do Ribeiro (1844, Castelo de Paiva), Giorgio Magnani (1783, Pescia, Itália), Góis (1821, Ponte do Sótão), Lousã/Prado (1714/1772, Tomar), Matrena (1900, Tomar), Porto de Cavaleiros (1882, Tomar), Renova (1818, Torres Novas), Trevano/Bath (c. 1809, Bathford, Inglaterra), Venanzo Giusti (1793, Pioraco, Itália) (Figura 22) e três desconhecidos: Brasil, Itália (Génova?) e França (Gascogne?). O quadro resumido das marcas de água e contramarcas é o seguinte (ordem alfabética):

<u>marca de água e contramarca/ano</u>	<u>ano do manuscrito</u>
[GÓIS] MID- ...	1896
[RENOVA]	1898
A & F ^{os}	1879
ABELHEIRA / THESOURO PUBLICO 1848/49/51/55/57	1850/52/55/56/57/58
ALENQUER / ALMASSO	1879
ANDRADE & F. ^{os} / ALMASSO RAIVA	1872
BATH	1887/1888
BRAZIL (+ brasão + 15 novembro 1889)	1935
DERBY? BOND	1935
DG encimado por 'galo'	1781
DIAS/ALMAÇO F. DE CANEDO	[1855]
FG GL [Venanzo Giusti]	1793
FOZ DO RIBEIRO / SILVA	1889/92/93/98/99
GIOR MAGNANI / ALMASSO	1826
GRAHAMS BOND REGISTERED	[1970s]
KENT (+ iniciais cortadas... F & A ?)	1927
LINHO BOND	1995
LOUZÃA/IMPOSTO DE/O SELLO 1874/75/77/79/80/81	1875/76/78/79/81/82/96
LOUZÃA/THESOURO PUBLICO 1843/44/62	1846/55/64
LOUZAN/THESOURO PUBLICO 1865	1865
Mão enluvada sob estrela de cinco pontas (Gascogne?)	1588
MATRENA ALMASSO	1919
MATRENA M.E.	1968
MGA ou GMA / Lords Linen Paper	1915
MONROE BOND INDUSTRIA BRASILEIRA	1941
P. C. ALMAÇO	1987/89

P. CAV ^{os} / ALMASSO	1913
P. DE BRANDÃO / THE SOURO PUBLICO 1816	1863
PORTO DE C ^{os}	1897/1900/1903
PRADO	1890/1906
PRADO/CASA DA MOEDA-PAPEL SELLADO	1916/18/21/26
PRADO/CASA DA MOEDA-VALORES SELADOS	1947/58/59/68
PRADO/IMPOSTO DO SELLO 1883/88/91/93/96	1885/89/92/93/94/96
PRADO ALMAÇO	1912/5
SANDINI	1876
THE ORIGINAL CLUB	1915
THOMAR	1850/1901/04/13
THOMAR/P. CAV ^{os} ALMAÇO	1926
THOMAR ALMASSO/J TAVARES B... (cortado)	1867
Três circunferências tangentes sob cruz alta + P e BR	1643
V. R. ^A .	

BILHETES-POSTAIS

O pequeno núcleo de antigos bilhetes-postais (18) reúne exemplares datados entre 1906 e 1939, perfazendo um período temporal de trinta e três anos. Editados em sete países (Portugal, Brasil, Alemanha, França, Itália, Inglaterra e Suíça) com dimensões entre 85 x 133 e 90 x 142 mm, com tipologias diversas, como o artístico desenhado, o fotográfico impresso e o fotográfico real, e reproduzidos pelos métodos de impressão mais usuais do início do século passado, tais como: cromolitografia, fotogravura, fototipia (animada), fotolitografia, fototipografia, litografia e similigravura (Campante, 2021).

O quadro resumido é o seguinte (ordem cronológica):

<u>data/local</u>	<u>tema-imagem/editor</u>
1906.06.10, Porto	aldeões a tocar e dançar, Stengel & Co., Dresden, 19845
1909.12.29, s.l.	desenho de menina com ramos de flores, GOM, 33 29
1912.10.28, Lisboa	'Cintra, Palácio da Pena', B5/27
1912.12.11, Pára/Brasil	casal com jarra de flores, 'estrela' (símbolo), 621
1913.01.05, s.l.	'Bons Annos', SB 3265 H (printed in Germany)
1915.01.07, [Brasil]	criança com violino, AL 816/4
1916.04.10, Rio de Janeiro	duas meninas, Paques, A. Bergeret & Cie, Nancy Série L
1917.05.27, Porto	menina com ramos de flores, 'florão' (sigla), 513
1918.02.13, Porto	mulher com cavalo branco, 1863/1
1918.12.22, Porto	bebé numa caixa-alcofa, 'La Favorite', 813 (Artige, Paris)
1925.03.20, Génova	'Genova, Piazza de Ferrari', 4356/16
1926?.04, [Rio de Janeiro]	três meninas, 'Joyeuses Pâques', AL 1151/3
1920s.08.31, Porto	três crianças junto a berço, ZED 232 (France)
1925.09.11, Porto	professor com aluna de violoncelo, Lussa, 011015 (Italie)
1926.03.21, Porto	casal com filho no berço, J. W. Graficas, Berlin, 156/6
1929.07.15, [Lisboa?]	rapariga com ramo de flores, Léo Paris, 1495 (France)
1930.12.31, Parede	silhueta de senhora a fiar (MG), Scherenschnitt, S. 13
1939.04.13, Londres	'St James's Palace', Raphael Tuck & Sons, N.º 219

FOTÓGRAFOS E CASAS DE FOTOGRAFIA

O núcleo de fotografias, aqui estudado (cerca de 400 fotografias analógicas), corresponde a um período temporal de uma centúria de anos, entre 1893 a 1992, expondo visualmente a diáspora familiar, maioritariamente, entre Portugal e Brasil (Marco de Canaveses, Porto, Lisboa, Rio de Janeiro e São Paulo). As dimensões das espécies fotográficas variam entre os 33 x 37 mm e os 230 x 325 mm, impressas quimicamente nos principais papéis fotográficos presentes no mercado do século passado,

tais como: Agfa Brovira, Agfa Lupex, Argenta, Brometo, Fujicolor, Fujicolor Crystal Archive, Gevaert, Kodak, Kodakolor, Konica Long Life 100, Leonar, Ridax e Velox. Quanto aos fabricantes de papéis fotográficos, identificamos (ordem cronológica de fundação): Illingworths (Inglaterra, 1860s), Agfa (Bélgica, 1867), Konica (Japão, 1873), Ilford (Inglaterra, 1879), Kodak (EUA, 1888), Gevaert (Bélgica, 1890) e Fujifilm (Japão, 1934) (Fabris, 2020; Serén, 2021).

O quadro resumido é o seguinte (ordem alfabética):

casa/fotógrafo

A. G. Mourão
Amaro de Almeida Magalhães (1895-1966)
Amaro Mendes de Magalhães (1935-2015)
Atelier Photo. Peixoto & Irmão (1880-1906?)
Casa/Photographia Fritz (1856-74)
Atelier Photographico Júlio Braga (1914)
Casa Salvador (1930-60)
Centro Fotográfico (1885-1904 ...)
Emílio Biel & C.^a (1876-1916)
Estúdio Zero
Firo
Foto Beleza (1907-87)
Foto Artístico
Foto Ferroviária
Foto Guimarães
Foto Imperial
Foto Nunes
Foto Rocha
Foto-Cine Alegre
Foto-Douro
Foto-Medina
Foto-Sampaio
Foto-Reportagens E. F. Nunes & Bruno
Fotocinarte
Fotografia Alvão (1901-)
Fotografia Ariz
Fotografia Artística (c. 1927-38)
Fotografia M. Oliveira
Fotografia Neves
Fotografia Venus
Furtado & Irmão (?)
Garcez
Gualtieri
José Mesquita & Filhos
Nicolas
Photo Ideal
Photo-Film Americano
Photo-Medina (1901-44)
Photo. Alemã Guilherme Boldt (1878-1915)
Photographia David Latino & Franklin
Photographia Flouselo de Magalhães
Photographia Guedes (1892-1933?)
Photographia J. Vollsack (1880-1926)
Photographia Luso-Brasileira (1904-28)
Photographia Paris
Photographia Portuense (1864)
Photographia Queiroz
Photographia Sala & Irmão (1862-94)
Photographia Trianon
Photographia Universal (1884-1906)
Rio Studio
Roiz (1954-61)

local e data da fotografia

Porto? Rio de Janeiro?
Marco de Canaveses; Rio de Janeiro
Marco de Canaveses
Porto, 1893-4
Porto (foi adquirida por Karl Emil Biel, Biel & Cia.)
Porto (de Braga & Ferreira)
Porto, 1930-59 (também: Foto-Salvador)
Porto
Porto (Photographia da Caza Real; ex-Casa Fritz)
Porto, 1992
Porto (reportagens fotográficas)
Porto, 1910 (ex-Foto Royal, ambas de António Beleza)
Rio de Janeiro, 1960
Porto
Gondomar, 1958
Porto, 1957
Lisboa, 1968
Marco de Canaveses, 1957-60
Porto, 1950
Vila Nova de Gaia
Rio de Janeiro, 1931-3
Brasil (de V. M. Machado)
Porto, 1973
Porto, 1957 (reportagens fotográficas)
Porto (ex-Foto-Velo)
Rio de Janeiro?, 1921-47 (de Alvaro Silva)
Porto, 1929 (viúva de Ciriaco Cardoso)
Porto
Vila Nova de Gaia, 1961 (de H. J. da Silva Neves)
Lisboa, 1928
Lisboa, 1929
Lisboa, 1929 (será Arnaldo Garcez Rodrigues? 1886-1964?)
Porto
Porto, 1944-71
Rio de Janeiro, 1956
Porto, 1929
Rio de Janeiro
Porto, 1912 (de Pascoal Medina)
Porto
Rio de Janeiro (ex-Successor Benjamin Franklin)
Rio de Janeiro
Porto, 1902-10
São Paulo, 1919 (ex-Photographia Imperial e Henschel & Cia.)
Porto (de Alberto Monteiro & C.^a)
Lisboa, 1928-31 (de S. Pedro D'Alcantara)
Porto, 1896 (ex-União)
São Paulo
Porto (ex-Sala & Laroche; de F. C. de Guimarães & Guedes)
Rio de Janeiro
Porto (de Fulgêncio da Costa Guimarães)
Rio de Janeiro, 1930s
Lisboa, 1961

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos conscientes da importância deste legado e das dificuldades que iremos ter pela frente, principalmente pelo tempo que vai ser necessário para analisar a restante documentação, agora preservada, não lida e transcrita. A amostra aqui descrita e a dimensão temporal deste espólio justificam, por si só, quão imperioso é honrar e dar continuidade ao amor e à dedicação que os nossos antepassados depositaram neste "tesouro" tão multidimensional de histórias, imagens e objetos (papéis, papéis selados, marcas de água, caligrafias, anotações marginais, apontamentos de gestão agrícola, testemunhos pessoais, fotografias de pessoas, casas, paisagens e animais).

Pensamos que este estudo inicial demonstra, mais uma vez, que o amor e o apego à terra que nos viu nascer tem reflexo inestimável na força das Memórias e na escrita da História desconhecida. Uma espécie de matéria-prima que tem no suporte papel e na escrita manuscrita os elementos que fixam e alimentam a investigação.

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Arquivo Distrital do Porto.

Arquivo Família Brandão, Porto.

Arquivo Famílias Mendes de Vasconcelos & Magalhães Ferreira (Penha Longa), Marco de Canaveses.

Arquivo Intermédio Histórico da Direção Geral das Finanças, Porto.

Arquivo Municipal de Marco de Canaveses.

Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa

Arquivo particular de Manuel Egino Marques Ferreira, Porto.

Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Cartório Notarial de António Alfredo Moutinho Águia de Moura, Marco de Canaveses.

Cartório Notarial de Filipa Costa Cardoso, Marco de Canaveses.

Coleção Antero Ferreira, Porto.

Conservatória do Registo Civil do Marco de Canaveses.

Conservatória do Registo Predial do Marco de Canaveses.

Junta de Freguesia de Paredes de Viadores e Manhuncelos, Marco de Canaveses.

Junta de Freguesia de Penha Longa e Paços de Gaiolo, Marco de Canaveses.

Serviço das Finanças do Marco de Canaveses.

Tribunal da Comarca Porto Este, Núcleo de Marco de Canaveses.

ESTUDOS E BIBLIOGRAFIA

AAVV (1961). *Arquitectura Popular em Portugal* (2 vols.), Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos.

AAVV (2009). *Marco de Canaveses — Perspectivas*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses.

AGUIAR, P. M. Vieira de (1947). *Descrição Histórica, Corográfica e Folclórica de Marco de Canaveses*, Porto: Escola Tipográfica da Oficina de S. José.

BEMROSE, Christopher (1986). "Bathford Paper Mill", *BIAS Journal*, vol. 19, pp. 5-7.

- BRIQUET, Charles-Moïse (1923). *Les filigranes: dictionnaire historique des marques du papier dès leur apparition vers 1282 jusqu'en 1600* (vols. I-IV), Leipzig: Hiersemann.
- CAMPANTE, Adelino (2021). *História de Vizela em Postais*, Guimarães: Casa de Sarmento.
- CAMPOS, Maria do Rosário Castiço de (2009). "A Fábrica de Papel da Lousã e o processo de industrialização em Portugal", *História: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, III série, vol. 10, pp. 145-150.
- CASTAGNARI, Giancarlo (2010). *L'industria della carta nelle Marche e nell'Umbria. Imprenditori lavoro produzione mercati Secoli XVIII-XX*, Fabriano: Pia Università dei Cartai, pp. 112/119.
- CASTRO, Eugénio de (1933). *Os meus Vasconcelos*, Coimbra Editora.
- CORDEIRO, José Manuel Lopes; Costa, Francisco Silva (2017). "Subsídios para a história da Fábrica de Papel do Marco de Canaveses (1923-1958)", *Actas del XII Congreso Internacional Historia del papel en la Península Ibérica*, Tomo I, Santa Maria da Feira: Asociación Hispánica de Historiadores del Papel, pp. 301-324.
- DI STEFANO, Emanuela (2010). "Mercanti, reti e produzioni manifatturiere nell'area appenninica: sperimentazioni e setificio nella tarda età moderna", *Proposte e Ricerche*, n.º 65, Eum Edizioni Università di Macerata, pp. 28-43.
- FABRIS, Annateresa (2020). "A fotomontagem no Brasil: uma trajetória possível", *ArtCultura*, vol. 22, n.º 40, Uberlândia, pp. 6-27.
- FERNANDES, Maurício Antonino (2007). *Os Brandões: origens e varonia (938-1663)*, Porto: edição do autor.
- LAURENTIUS, Frans; LAURENTIUS, Theo (2023). *Watermarks 1450-1850. A Concise History of Paper in Western Europe*. Leiden: Brill, pp. 59/74/76/81
- PINTO, Luiz Bernardo Mendes de Vasconcellos Carneiro (2006). *Descendências e origens. Genealogias de Baião, Bemviver-Marco de Canaveses e Penafiel (Sécs. XVI-XXI)*, Lisboa: Associação Portuguesa de Genealogia, pp. 183-209.
- PINTO, Luiz Bernardo Mendes de Vasconcellos Carneiro (2000). "I — A Casa do Agrêlo, Penhalonga", *jornal A Verdade* (13 abril), Marco de Canaveses.
- PINTO, Luiz Bernardo Mendes de Vasconcellos Carneiro (1989). "Descendências e origens, II", *Raízes & Memórias* (n.º 5, outubro), Lisboa: Associação Portuguesa de Genealogia, pp. 87-96.
- SANTOS, Maria José Ferreira dos (2015). *Marcas de água: séculos XIV-XIX*. Tomar: Tecnicelipa.
- SANTOS, Maria José Ferreira dos (2014). "Marcas de água e historia do papel: a convergência de um estudo", *Cultura*, vol. 33, pp. 11-29.
- SERÉN, Maria do Carmo (2021). "Casas Fotográficas do Porto no século XIX", *Prontuário de fotógrafos e casas comerciais de fotografia no Porto (1840-1980)* (coord. Nuno Resende), Porto: CITCEM.
- SOARES, Licínio (2017). *Da serra ao rio, Marco de Canaveses: Junta de Freguesia de Penha Longa e Paços de Gaiolo*.
- TEIXEIRA, Vítor Gomes (2005). "Fr. João da Póvoa e o movimento da Observância franciscana portuguesa entre 1447 e 1517", *Lusitania Sacra*, 2.ª série, 17, pp. 227-254.

VASCONCELOS, Manuel de (1935). *A Vila de Canaveses. Notas para a sua história*, Imprensa Nacional de Lisboa.

RECURSOS 'ONLINE'

Bernstein / The memory of paper: http://www.memoryofpaper.eu/BernsteinPortal/appl_start.disp

British Association of Paper Historians (BAPH): <http://baph.org.uk>

Enciclopédia ItaúCultural / Artes Visuais: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/>

Fotoplus / Pequeno livro das vinhetas: <http://www.fotoplus.com/vinhetas/img/vinhetaswww.pdf>

International Association of Paper Historians (IPH): <https://www.paperhistory.org/index.php>

Tombo.pt (João Ventura) / registos paroquiais portugueses para genealogia: <https://tombo.pt/>

Watermarks in Incunabula printed in the Low Countries (WILC):. <http://watermark.kb.nl>

AGRADECIMENTOS E COLABORAÇÕES

Amaro Manuel Magalhães Ferreira, Ana Margarida Freitas, Ana Póvoas, André Teixeira, António Alfredo Moutinho Águia de Moura, Annateresa Fabris, Chiara Mediolli, Constantino Crespo Dias, David Speranzi, Frans Laurentius, Giancarlo Castagnari, Helena Isabel Magalhães Ferreira, João Emanuel Carneiro de Vasconcelos Cordeiro dos Santos, José Carlos Brandão Teles, José Fernando Soares de Carvalho, Luiz Bernardo Mendes de Vasconcellos Carneiro Pinto, Manuel Eginio Marques Ferreira, Maria José Azevedo Santos, Maria José Ferreira dos Santos e Virgínia Capoto.

LEGENDAS DAS FIGURAS

1 e 2: Antero Mendes de Vasconcelos, 1912.06.20 (frente e verso da 'carte de visite').

3 e 4: Casa do Agrêlo, 1929.

5: Maria Isabel Mendes Brandão de Almeida Magalhães no escritório da Casa do Valdonêdo, 1990s.

6 a 9: arquivo documental (antes do início da investigação).

10: caixa original com parte do arquivo fotográfico.

11: pormenor de apontamentos pessoais sobre as propriedades (em fase final de restauro).

12 e 13: documentos notariais (não estudados), século 18.

14 e 15: pormenores de apontamentos da gestão das propriedades, 1989.

16: Josefina de Sousa Brandão e Maria Isabel Mendes Brandão de Almeida Magalhães, Rio de Janeiro 1968.

17 e 18: pormenores do trabalho de restauro realizados pela técnica superior Ana Freitas, 2024.

19: marca de água do privilégio papal, 1588.

20: selo de chapa do livreto de transladação dos ossos, 1643.

21: fólio 1 reto do Inventário do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos, 1826.11.25.

22: marca de água do fabricante papeleiro italiano Venanzo Giusti, 1793.

AF, 27.06.2025 (versão revista; imagens, renumeradas, em pasta anexa)

Comunicação apresentada no XV Congreso Internacional Historia del Papel en la Península Ibérica, organizado por AHHP e CESEM, Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), 26 de junho de 2025.